

ATMOSFERAS DE ANGÚSTIA: O CASO DA COVID-19¹

Atmospheres of anxiety: the case of Covid-19

Dylan Trigg²

RESUMO

O surgimento da doença infecciosa conhecida como Covid-19 causou mortes e doenças generalizadas, agitação econômica e incerteza global, cujo impacto e extensão permanecem atualmente desconhecidos. Ao longo disso, também houve um crescimento conveniente da angústia em diferentes populações. No entanto, a angústia produzida pela Covid-19 não é apenas um estado afetivo vivenciado pelos indivíduos, é também algo que se estende no mundo cotidiano como parte de uma atmosfera geral. O ponto de partida deste capítulo é que o conceito de atmosfera pode desempenhar um papel importante na explicação de (i) como a angústia é distribuída pelo mundo e (ii) como a angústia pode instituir-se e expressar-se em coisas específicas sem ser redutível a elas. O capítulo se desdobra de três maneiras. Em primeiro lugar, o texto considera a estrutura intencional de uma atmosfera, dando atenção especial à forma como uma atmosfera gera um estilo afetivo específico. Em segundo lugar, é dada atenção a um dos temas salientes da angústia da Covid-19; ou seja, ficar em casa e sair de casa. Finalmente, o trabalho se concentra em como o corpo vivido é aumentado na e através das lentes do coronavírus. O capítulo conclui consolidando o papel que as atmosferas desempenham na síntese desses elementos.

Palavras-chave: Pandemia. Atmosfera. Fenomenologia da Angústia.

ABSTRACT

The emergence of the infectious disease known as Covid-19 has caused widespread death and illness, economic unrest, and global uncertainty, the impact and extent of which remains presently unknown. Throughout this, there has also been an expedient growth in anxiety across different populations. Yet the anxiety produced by Covid-19 is not only an affective state experienced by individuals, it is also something that is extended in the everyday world as part of a general atmosphere. This chapter's point of departure is that the concept of an atmosphere can play a powerful role in accounting for (i) how anxiety is distributed through the world and (ii) how anxiety can institute and express itself in specific things without being reducible to those things. The chapter unfolds in three ways. First, the chapter considers the intentional structure of an atmosphere, giving special attention to the way an atmosphere generates a specific affective style. Second, attention is given to one of the salient themes of Covid-19 anxiety; namely, staying at home and leaving home. Finally, the chapter focuses on how the lived body is augmented in and through the lens of coronavirus. The chapter concludes by consolidating the role atmospheres play in synthesising these elements together.

Keywords: Pandemic. Atmosphere. Anxiety Phenomenology.

¹ Traduzido por Felipe Costa Aguiar e Antonio Bernardes, do original em inglês "Atmospheres of anxiety: The case of Covid-19", publicado no livro "Atmospheres and Shared Emotions" (Routledge, 2021). Agradecemos o professor Dylan Trigg, que autorizou gentilmente a tradução desse texto.

² Dylan Trigg é pesquisador sênior do Fundo Austríaco de Ciência (FWF) na University of Vienna, Departamento de Filosofia, tendo amplas contribuições para a Fenomenologia.

✉ Sensegasse 8, 1090 Wien, Áustria. dylan.trigg@univie.ac.at

INTRODUÇÃO

A emergência da doença infecciosa conhecida como Covid-19 causou muitas mortes e adoecimentos, inquietações econômicas e incertezas globais, as quais o impacto e a dimensão ainda são desconhecidos. Famílias têm sido destruídas, empregos perdidos e sistemas de saúde sobrecarregados. Nesse decurso, também há um aumento considerável de angústia entre diferentes populações. Quer seja relacionado à saúde, a economia, relacionamentos ou angústias mais generalizadas ligadas às incertezas futuras, havendo algumas dúvidas se a Covid-19 continuará tendo certo impacto na saúde mental (ELLIOT, 2020; MCKIE, 2020; RIBEIRO, 2020). No entanto, a angústia produzida pela Covid-19 não é apenas um estado afetivo experienciado pelos indivíduos, ela também é algo que se difunde no mundo cotidiano como parte de uma **atmosfera** geral.

A ideia da angústia como um tipo de atmosfera está em contraste com o modo como as emoções têm sido pensadas (TRIGG, 2016). Visto que as atmosferas têm uma conotação de uma força afetiva que é difundida no mundo, nós tendemos a pensar a angústia como um estado emocional experienciado por indivíduos isolados. De fato, essa tendência para pensar a angústia em termos individuais já é evidenciada na história da Fenomenologia. O caso de Heidegger é emblemático nesta abordagem (BERGO, 2020). Para Heidegger (2008), angústia é a disposição afetiva filosófica *par excellence* que retira o mundo cotidiano de sua aura de familiaridade e revela a fundação contingente sobre a qual os sentidos são construídos. O resultado desta ruptura é que nos sentimos “estranhos-em-casa” no mundo, à medida que o mundo se revela pelo seu próprio estranhamento (HEIDEGGER, 1977, p. 111).

No entanto, este não é um movimento de negatividade de Heidegger, mas sim uma oportunidade para nós redefinirmos nossas relações com o mundo e com os outros. De acordo com o autor, nossa ampla e inautêntica não-angústia em relação aos outros consiste em uma absorção na voz generalizada e anônima de muitos. Não é que Eu tenha tamanha fé sobre o mundo, mas que **eles** tenham (HEIDEGGER, 2008). Alguém sente, alguém pensa e alguém age de um certo modo porque é isso que alguém faz, apenas. Essa cumplicidade com um alguém anônimo é o que a angústia rompe. Diante disso, a realização do projeto de Heidegger consiste em empregar a angústia como o sentido para a existência humana se submeter à transição da absorção das massas anônimas para um estado de individualização, marcado por uma afirmação tanto da morte e da angústia quanto de **nós mesmos**. Para este fim, o valor da angústia em Heidegger a todo o tempo é emoldurado pelo poder que tem para individualizar o sujeito.

Enquanto a abordagem de Heidegger sobre a angústia provou ser fortemente influenciada pela Fenomenologia, Filosofia e Humanidades mais gerais, tal abordagem tende a priorizar um momento de realização-própria dentro de um indivíduo. Com isso, o que a abordagem negligencia é o modo como a angústia é distribuída dentro do mundo e corporificada em outras pessoas e nas próprias coisas. Nessa discussão, eu gostaria de propor uma mudança na tradição heideggeriana ao tratar da angústia como uma oportunidade para transformação-de-si concebendo-a como uma **atmosfera**.

O conceito de atmosfera tem ganhado um valor significativo em muitas disciplinas, especialmente Filosofia, Geografia Humana e Estudos Literários (BÖHME, 2017; GRIFFERO, 2014; 2017). Não obstante a diversidade característica das pesquisas contemporâneas sobre atmosferas, há um número de temas comuns proeminentes

de suas conceituações: a saber, atmosferas como um fenômeno afetivo ainda indeterminado que são compreendidos pré-reflexivamente, sentidos corporalmente e expressados através dos corpos materiais (TRIGG, 2020). Apesar desses temas comuns, o conceito de atmosfera também é inerentemente ambíguo. Esse nível de ambiguidade é refletido em questões que popularizaram a literatura sobre atmosferas e humores, a questão de se as atmosferas derivam de, e até que ponto as atmosferas podem ser compartilhadas (GRIFFERO, 2014).

A ambiguidade das atmosferas também é capturada em um sentido experiencial, como quando nós falamos sobre certos cômodos que tem uma atmosfera “estranha”, “tensa” ou “alegre”. Em um sentido similar, nós frequentemente falamos sobre eventos políticos como se tivessem uma atmosfera de alívio no contexto de uma eleição ou, de outra forma, como se sofressem de uma atmosfera plena no contexto de discussões em progresso. Terminologias como essas, enquanto implicitamente entendíveis, nunca desmentem a estrutura complexa dos significados, os quais são difíceis de fixar em termos inequívocos, os quais emitem um desafio para a ideia de afetividade e emoção apenas como um fenômeno cognitivo ou até mesmo subjetivo (SUMARTOJO; PINK, 2019). Ainda longe de um aspecto incidente ou contingente, a ambiguidade peculiar ao conceito de atmosfera é o que gera sua própria especificidade. Na verdade, é porque o conceito de atmosfera se estende além do esperado para as emoções individuais, incorporando-se em estruturas materiais e sendo ordenado por práticas culturais, que ele foi assumido como uma influência fora do alcance de apenas uma disciplina.

Nesta investigação, o principal ponto de partida é que o conceito de atmosfera pode desempenhar um papel importante representado por (i) como a angústia é distribuída pelo mundo e (ii) como a angústia pode instituir-se e expressar-se em coisas específicas sem se reduzir

a elas. A motivação para esta hipótese é a angústia trazida à tona com a atual e corrente crise do coronavírus. Como indicado, a angústia entrelaçada com a Covid-19 é multidimensional e complexa. O que me interessa aqui é a experiência afetiva de estar em *lockdown* em um ambiente urbano ou densamente povoado. Com isso, não foco a experiência vivida do adoecimento que surge com o coronavírus como um tipo específico de doença. Nem explicitamente considero os aspectos sociais, ideológicos e políticos da Covid-19. Ao invés disso, estou preocupado com os modos como a Covid-19 aumenta e molda as experiências cotidianas e como essa transformação diária pode impactar nossas experiências mais gerais do mundo.

Além disso, a formulação da angústia nesse estudo é delimitada de forma **generalizada**. Enfatizo que o modo como a angústia é envolvida na Covid-19 é generalizado porque é importante evidenciar que a angústia relacionada a essa atmosfera não exaure ou incorpora toda articulação da angústia. Para ser assertivo, enquanto certos tipos de angústia podem estar especialmente suscetíveis aos registros afetivos da Covid-19 (para pensar aqui da angústia acompanhada da agorafobia, pânico, e transtorno obsessivo compulsivo), essas são instâncias específicas da angústia, as quais são conceitualmente e tematicamente diferentes daquela generalizada e não-patológica particular da existência durante e após o *lockdown* – embora, igualmente, não há nada que previna que haja uma sobreposição entre pânico e angústia generalizada, mas esse não é o foco.

O foco deste trabalho é como a angústia generalizada molda as práticas da vida cotidiana. Refiro-me a esse termo como um modo da angústia ser atmosféricamente inerente à medida que ela altera nossa relação fundamental com o mundo enquanto também se manifesta em pontos específicos e localizados (KLUGER, 2020). Nessa medida, essa formulação de angústia é consistente com

minhas abordagens pregressas sobre emoção em “Topophobia: a Phenomenology of Anxiety” (TRIGG, 2016), livro no qual eu considero a angústia como tendo ambas as articulações localizadas – por exemplo, uma fobia específica de uma ponte ou uma situação social – enquanto também permeia o mundo de forma difusa e não-específica. Além disso, enquanto eu encontro aspectos do tratamento fenomenológico canônico da angústia benéfica – especialmente a análise heideggeriana do estranhamento. No entanto, discordo da distinção convencional entre medo e angústia, junto com o compromisso adjacente da angústia ser um estado intencional sem um objeto.

A organização deste estudo é tripartida. Primeiro, considero a estrutura intencional de uma atmosfera, dando atenção especial ao modo como a atmosfera gera uma tonalidade afetiva específica, o qual é expresso em sentido tanto difuso quanto singular. Segundo, considero um dos temas proeminentes da angústia da Covid-19; nomeados por “ficar em casa” e “sair de casa”. Como argumentei, a Covid-19 não é um fenômeno discreto e localizável, mas sim uma força que redefine os limites e reconfigura nossa experiência, interpretação e compreensão do mundo exterior. Finalmente, considero como o corpo vivido é aumentado nas e pelas lentes do coronavírus. Aqui, pontuo que um dos aspectos chave da Covid-19 é que ela tematiza o corpo em um estado semelhante às coisas, por sua vez, desafiando a ideia do corpo irredutivelmente como “próprio de alguém”. Assim, termino consolidando o papel que as atmosferas têm, sintetizando esses elementos.

ATMOSFERAS URBANAS

Vale a pena começar enquadrando aqui as maneiras como uma atmosfera é difundida em um ambiente urbano. A questão de

saber se tal atmosfera seria sentida em um ambiente não urbano é decisiva, ainda que esteja fora do escopo desta discussão. No entanto, dado que a Covid-19, como um tipo particular de doença, se desenvolve em espaços densamente povoados, é *prima facie* que tais espaços são mais comumente encontrados em ambientes urbanos. Ao mesmo tempo, um ambiente urbano não é uma substância pré-determinada ou não histórica que não é afetada pelas pessoas que por ele transitam. Em vez disso, os povos e suas culturas específicas moldam a presentificação de uma atmosfera da mesma maneira que as atmosferas, por sua vez, colorem e influenciam nosso humor. Isso é tão evidente em termos de como os humores individuais geram uma interpretação diferente de uma atmosfera quanto a maneira como culturas inteiras respondem às regulamentações impostas pelos *lockdowns* (OVERY, 2020).

Meu foco em um ambiente urbano se baseia na sensação de que tal ambiente captura a atmosfera de angústia em vários aspectos essenciais. O primeiro ponto a notar é que uma cidade nunca é desprovida de atmosfera, mesmo uma cidade inócua caracterizada por estruturas homogêneas e pré-fabricadas – uma cidade de *megastores* e ruas sem vida, uma selva de pedra – até mesmo uma cidade como essa carrega consigo uma atmosfera densa. É verdade que o ambiente em questão pode ser apresentado em termos perniciosos como uma ameaça à noção de cidade como tendo um caráter abundante e heterogêneo, mas tal resistência apenas atesta o peso de um ambiente homogêneo como tendo uma qualidade própria e singular. Mais frequentemente, porém, quando falamos da atmosfera de uma cidade, então o fazemos em termos de uma tonalidade que permeia e dá características a um lugar, ou pelo que Merleau-Ponty chama de “um sentido latente, difundido pela paisagem ou pela cidade, que descobrimos em uma evidência específica sem ter que defini-la”

(MERLEAU-PONTY, 2012, p. 294). Considere aqui como falamos da atmosfera romântica de Paris, da atmosfera frenética de Nova York ou da atmosfera imperial de Viena. O que esses termos tendem a denotar é uma constelação de estruturas históricas, culturais, políticas e estéticas coerentes. Essas constelações não são elementos encenados juntos como uma imagem – embora, claro, sejam frequentemente manipulados e capitalizados para ganho político ou comercial, mas em vez disso emergem como uma presença afetiva, que dá a uma cidade seu senso de lugar (BÖHME, 2017).

Notavelmente, a ideia de uma atmosfera urbana não é algo que possamos compreender em abstração. Em vez disso, as atmosferas são compreendidas por serem apreendidas em um sentido corporal. Falar sobre a atmosfera vibrante de Nova York é falar sobre uma certa articulação da cidade caracterizada por um conjunto único de propriedades sensoriais, estéticas, culturais e materiais. As atmosferas, assim, aparecem para nós de forma multidimensional. São espaços caracterizados como turvos, penetrantes, suaves, ameaçadores, convidativos, misteriosos, encantados e assim por diante. Da mesma forma, sentir uma atmosfera tão angustiante não é fazer um conjunto de deduções abstratas sobre uma dada situação. Mais primordial do que isso, estar angustiado é ser apreendido em um sentido pré-reflexivo pela experiência corporal de angústia (TRIGG, 2016). Além disso, apreendemos tais estados não como um conjunto de partes distintas a serem entendidas em termos representacionais, mas como um fenômeno unitário sentido imediatamente no e por meio do corpo vivido em sua relação com o mundo circundante. Na verdade, frequentemente, acontece que simplesmente captamos a atmosfera específica de um lugar em um instante, sem ter que pensar sobre isso.

O que significa, em termos específicos, falar sobre a Covid-19 como uma atmosfera de angústia que permeia um ambiente urbano?

Como tentarei explicar a seguir, significa dar alguma especificidade a como essa atmosfera afeta e molda práticas culturais e corporais, configurações espaciais e um modo-de-ser generativo que marca nossa relação com a espacialidade urbana como um todo. Nesse ponto, a primeira tarefa desta discussão é fazer uma pergunta inicial: de onde surge a angústia e onde ela está localizada? Ao fazer esta pergunta, se torna necessário considerar cuidadosamente a estrutura intencional de uma atmosfera de angústia, o que faremos agora.

A ESTRUTURA INTENCIONAL DA ANGÚSTIA DA COVID-19

Normalmente, entendemos a intencionalidade como um ato mental dirigido a objetos discretos, sejam reais ou não (HUSSERL, 2001; MERLEAU-PONTY, 2012). Assim, na Fenomenologia clássica, a intencionalidade se refere ao modo como nossos estados mentais sempre tratam **sobre** alguma coisa. Mas, essa qualidade de ser sobre alguma coisa não é simplesmente um ato mental ou intelectual, também é corporificado, afetivo e, muitas vezes, inconsciente (MERLEAU-PONTY, 2012). Visto isso, a intencionalidade se estende além de um ato mental e enquadra a maneira como nos envolvemos com o mundo em um sentido pré-reflexivo e pré-pessoal. Nesse sentido, experienciar o mundo como um lugar angustiante não é postular intelectualmente um certo risco com respeito à nossa relação com o mundo, em vez disso, isso significa estar em sintonia com o mundo como um local de significado que é difundido de modo geral.

Merleau-Ponty (2012, p. XXI) se refere a isso como uma “intencionalidade operativa”, que “estabelece a unidade natural e pré-predicativa do mundo e da nossa vida”. Isso significa que, abaixo do nível do pensamento abstrato, um modo mais primário de

intencionalidade está em ação, “aparece em nossos desejos, nossas avaliações e nossa paisagem mais claramente do que no conhecimento objetivo” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. LXXXII). Este nível de intencionalidade incorpora modos não-téticos de consciência, que podem, em última análise, explicar como o significado é postulado de uma maneira não intelectual e, portanto, pode fornecer um papel fundamental na explicação da estrutura intencional de uma atmosfera, como disse Merleau-Ponty (2012, p. 453), a intencionalidade operativa “já está em ação antes de cada tese e cada julgamento”.

Para se ter uma noção, considere aqui a variação de angústias associadas com a Covid-19 e seu *lockdown*. Essas angústias variam de questões relacionadas à ausência de uma vida social, à preocupações com finanças e a uma sensação de mal-estar quando se está do lado de fora de casa durante o *lockdown* (KURTH, 2020; MCKIE, 2020). Em cada uma dessas variações, a experiência vivida de angústia é irreduzível a um objeto matemático singular, mas em vez disso, é difundida pelo ambiente de forma porosa e móvel. Aqui, quando pensamos na atmosfera de angústia sob o confinamento da Covid-19, seria difícil apontar com precisão onde a angústia está localizada. Características fenomênicas específicas podem se apresentar de uma forma mais focada do que outras, um desconforto por estar do lado de fora de casa, uma preocupação com o futuro, o início de uma nova tosse, etc., mas aspectos como esses são expressões de uma atmosfera já existente, e não sinais delimitados e fixos da angústia. A este respeito, em vez de ser direcionado para uma coisa discreta, a direção intencional de uma atmosfera é difundida através do ambiente em uma multiplicidade de maneiras e em um nível operativo e reflexivo. Por esse motivo, uma atmosfera não se apresenta perceptivelmente como um objeto em um *container*, como uma mesa ou cadeira. Ela existe como uma qualidade porosa e dinâmica,

na medida em que ela já está estabelecida como um campo de significado antes de ser entendida como tal.

Para embasar esses conceitos, tomemos um exemplo relevante para o período de Covid-19, estar em um supermercado. O exemplo é emblemático, parte de um conjunto de tensões e angústias peculiares à nossa situação atual. Com efeito, o que é notável sobre a condição de viver em *lockdown* é a transformação do cotidiano e do prosaico para um local de angústia e tensão, que expressa preocupações mais generalizadas. De fato, é preciso, porque um supermercado é ostensivamente desprovido de valor afetivo significativo, que sua apresentação como um foco de angústia merece observação. Existem vários movimentos de angústia a serem considerados aqui. Em primeiro lugar, existe o fenômeno da compra por pânico ou de corrida às compras. Durante os estágios iniciais do *lockdown*, as reportagens estavam saturadas de relatos de escassez na cadeia de suprimentos e, principalmente, no que diz respeito à disponibilidade de produtos para higienizar as mãos e papel higiênico e, por sua vez, a escassez se tornou ilustrativa da angústia (WILSON, 2020). Como entender esse comportamento? Superficialmente, a lógica de corrida às compras parece ser motivada por um desejo de gerar um senso de controle em uma situação em que a incerteza é galopante (YUEN et al., 2020). No entanto, o início da corrida às compras também é impulsionado pela noção de angústia como um fenômeno contagioso, que emerge de uma atmosfera mais global de inquietação. Afinal, o estoque de suprimentos não deriva de um modo de reflexão racional sobre as necessidades de um indivíduo ou de um grupo, ele ganha força por meio de uma tonalidade ambiente que se faz sentir na rua e no comportamento das pessoas.

Esse clima de angústia também se articula no próprio supermercado. Sob *lockdown*, o supermercado se tornou um lugar cheio de

múltiplas formas de angústia. É um local onde se deve aventurar de forma focada e precisa, tomando cuidado para não se aproximar muito de outras pessoas, mas também evitando tocar desnecessariamente em superfícies que possam estar contaminadas. É um lugar onde há a sensação de estar exposto ao perigo ao realizar a mais primitiva das tarefas de colher alimentos. Como tal, o supermercado é um lugar “essencial”, tanto em termos de valor sociológico e econômico, mas também em termos de fornecer os fundamentos básicos da existência e, portanto, um passeio inevitável para muitas pessoas.

Cada um desses aspectos não tem necessariamente maior influência sobre outro aspecto, em vez disso, cada expressão de angústia emerge de uma forma dinâmica e fluída. A atmosfera de angústia peculiar ao supermercado efetivamente se espalha por todo o lugar, infectando pessoas e coisas dentro de sua esfera de influência. Como Böhme escreve, “Não temos certeza de onde eles estão. Eles parecem preencher o espaço com um certo tom de sentimento como uma névoa” (BÖHME, 1993, p. 114). Como onipresentes dentro de um determinado espaço, nos vemos “agarrados” por uma atmosfera na medida em que ela penetra em nossa pele. Nesse aspecto, a esfera, afetada pela atmosfera de angústia dentro de um supermercado, exerce um poder sobre os indivíduos dentro dele e, a menos que tenhamos cultivado um método de “desligar”, então continuamos, para o bem ou para o mal, afetados pela tonalidade afetiva em questão.

Entendida dessa forma, uma atmosfera permeia as coisas em um **estilo** específico. Aqui, o estilo denota o sentido amplamente merleau-pontyano de uma constância afetiva dentro de uma determinada atmosfera (MERLEAU-PONTY, 2012). O que significa que uma atmosfera é mantida coesa pela força de um tom afetivo que permeia os corpos humanos e não humanos – dentro de seu

campo de influência. Sobre esse ponto, Merleau-Ponty (2012, p. 294) fala com propriedade de Paris como possuidora de um “certo estilo” a partir do qual características específicas dos fenômenos ganham sua tonalidade afetiva, escrevendo que

apenas como o modo de ser humano manifesta a mesma essência afetiva em seus gestos de mão, seu andar e o som de sua voz, cada percepção explícita em minha jornada por Paris – os cafés, os rostos, os choupos ao longo dos cais, as curvas do Sena – são recortados do ser total de Paris, e serve apenas para confirmar um certo estilo ou um certo sentido de Paris.

Nesse sentido, o estilo é o que dá à atmosfera seu “impulso” afetivo. Uma atmosfera não nos rodeia e nos envolve de forma homogênea ou flutuante. Em vez disso, existem vários pontos de convergência, em que nos sentimos “mais próximos” ou “mais distantes” do centro afetivo de uma atmosfera. Isso é especialmente evidente durante o *lockdown* da Covid-19. Os níveis de angústia experimentados por indivíduos – e grupos – durante o *lockdown* não são experimentados como unidades inertes de emoção inabaláveis em sua presença; em vez disso, a angústia explode em ondas de inquietação antes de retroceder novamente.

Além disso, essas expressões de angústia dependem de um contexto de mundo em que a Covid-19 é, em certo sentido, onipresente e, portanto, inevitável, tanto espacial quanto temporalmente. A qualidade inescapável da Covid-19 é capturada no sentido de uma atmosfera que estrutura o movimento, pensamento e ação em um nível implícito e explícito. Enquanto ela existir e enquanto a Terra permanecer humana, então ela não pode ser condicionada a termos estritos. Assim, o mundo agora se apresenta, para usar um termo recentemente empregado por Matthew Ratcliffe e Ian James Kidd (2020), como um “*Covidworld*”. Apesar de sua avaliação crítica

do próprio papel do *lockdown* na mitigação do coronavírus, que é outro tópico, o que é notável sobre o ensaio de Ratcliffe e Kidd é o uso do termo mundo para descrever a presença da Covid-19 como uma característica de existência temporária. O termo “mundo” aqui designa todo um sistema de significados, que gera um contexto a partir do qual as coisas nos importam, como eles dizem:

Considere como, no decorrer da vida diária, algumas coisas parecem mais salientes do que outras que iluminam para nós, destaca-se, prende a nossa atenção. Estas coisas também nos importam de várias maneiras: talvez nos estimulem, nos ameacem, nos confortem, nos atraiam ou nos repelem (RATCLIFFE; KIDD, 2020, n.p.).

Isso também é comprovado pela sensação de que a angústia durante o *lockdown* tem articulações específicas de intensidade, por exemplo, ao estar fora de casa, no transporte público ou no meio de uma multidão de pessoas – para não falar aqui do espaço digital e *on-line*, que constitui uma extensão e muitas vezes uma amplificação de atmosferas *off-line*. Essas configurações de vida não são relações inócuas que assumimos como mundo, mas em vez disso, são iluminadas dentro do reino de *Covidworld*. Em cada caso, a orientação intencional em direção ao coronavírus não é dirigida a uma coisa singular, isto é, a uma doença discreta conhecida como “Covid-19”, mas sim orientada em uma série de formas diversas e divergentes, cada uma das quais é unificada por meio de sua difusão na atmosfera global.

Essa discussão levanta uma questão crítica, ou seja, se pode inocular a si mesmo em uma determinada atmosfera predominante? Em outras palavras, se uma atmosfera está difundida em todo o mundo em um nível operativo ou latente, mas também em um nível reflexivo, então como podemos escapar de estar sob o domínio de uma atmosfera? Afinal, é evidente que nem todas as

pessoas que vivem sob confinamento em meio à Covid-19 estão expostas aos mesmos níveis de angústia. Aqui, não estou apenas pensando em pessoas mantendo seus planos e hábitos apesar da Covid-19 – como, por exemplo, pessoas que pensam voluntariamente em ignorar o bloqueio – nem estou necessariamente pensando nos negadores da Covid-19 – cuja própria negação da doença, por sua vez, afirma –, o que também está em jogo aqui é o caso de indivíduos que, supostamente, desconhecem a realidade do coronavírus e, portanto, vivem efetivamente fora de sua influência atmosférica.

Uma resposta para explicar esse fenômeno é através da implantação do que pode ser chamado de **contra-atmosfera**. Caso uma porção de indivíduos ou um grupo inteiro esteja implicitamente comprometido com a criação e a manutenção de uma atmosfera, que é, em certo sentido, **própria deles**, então é possível que tal atmosfera funcione em paralelo a uma atmosfera dominante sem que haja sobreposição considerável. A mesma estrutura não é menos verdadeira para estados de espírito individuais. Quando estamos profundamente imersos em depressão ou angústia, por exemplo, o mundo é iluminado como um mundo deprimido ou angustiado. Essa imersão interpretativa raramente deixa espaço para a coexistência de estados de ânimo alternativos, especialmente aqueles que são afetivamente incompatíveis com depressão ou angústia. A diferença da atmosfera da Covid-19, entretanto, é que em vez de ser um estado de espírito idiossincrático em que nos encontramos, a doença é um fenômeno global contra o qual injunções específicas foram colocadas sobre como devemos agir e nos mover no mundo. Como tal, um nível de ignorância cultivado em uma **contra-atmosfera** só é sustentável em curto prazo, em algum ponto, as restrições orquestradas pelos governos invariavelmente infringirão esses grupos e as **contra-atmosferas** que formam uma

trégua da Covid-19 serão diminuídas, se não extintas, pela atmosfera predominante e dominante de nosso período.

FICAR EM CASA

De uma tonalidade geral no ar, passamos agora a uma série de articulações específicas, que caracterizam a estrutura e a natureza da Covid-19 como uma atmosfera. Uma forma pela qual a atmosfera da Covid-19 ganha uma expressão dominante é por meio do indicativo de **ficar em casa**. Esse *slogan* que foi repetido em *briefings* de imprensa e na mídia de forma mais ampla, estabelece uma delimitação nítida do ambiente urbano que até então era inconcebível para a maioria das pessoas. A perspectiva de ter que ficar em casa era impensável não apenas como uma questão empírica, mas também em termos de como normalmente entendemos nossa relação com o mundo circundante. Em geral, consideramos natural a ideia de casa não apenas como um lugar distinto e privativo no mundo, mas também como um modo de ser-no-mundo de maneira mais geral. Estar em casa no mundo significa estar situado em um meio que é enquadrado por um movimento de possibilidade e potencialidade. Estamos “em casa” no mundo, isto é, na medida em que o mundo continua a se renovar de forma dinâmica e espontânea, revelando-se como nexos de relações significativas (TRIGG, 2012; 2016).

Em um nível experiencial, essa sensação do mundo como lar se apresenta com uma atmosfera de constância. De modo geral, o mundo nos aparece com um ar de familiaridade, de forma que sempre temos a sensação de onde estamos, mesmo que perdidos. Com o tempo, pessoas e lugares se entrelaçam e nos tornamos apegados aos bairros, cidades e países inteiros até que eles sedimentem-se em nós como parte do tecido da identidade. Compreendido desta

forma, deixar o lar e se aventurar pelo mundo é enquadrar o lar físico como um ponto de partida, em vez de uma zona de término. O lar, concebido como um conjunto de relações e valores, não é, portanto, delimitado a um lugar, mas antes formulado como um sentido de estar-em-casa no mundo de forma mais geral (MERLEAU-PONTY, 2012). Como tal, “lar” indica tanto um ambiente no mundo quanto um tipo específico de relação implícita – e atmosférica – que temos com esse ambiente, a partir do qual nossas ações, emoções e intenções emergem.

Contra essa atmosfera de confiança tácita e certeza absoluta, o indicativo para ficar em casa estabelece uma ideia radicalmente diferente de casa. Em vez de ser um conceito difundido no mundo, a noção de “casa” durante a Covid-19 é delimitada e reduzida a uma habitação física, onde alguém é forçado a se encontrar – na verdade, **obrigado** a ser. A implicação é que o lar – embora possivelmente mitigue alguns dos perigos associados à Covid-19 – se torna menos um lugar como santuário e mais um local de constrição e tédio, que isola o morador do mundo e fragmenta uma sensação significativa de ser-em-casa no mundo. Sobre este ponto, Kevin Aho (2020, p. 15) escreve com propriedade:

Vemos agora que existem diferentes maneiras de morrer durante a pandemia. Podemos, é claro, morrer em uma cama de hospital devido ao coronavírus. Mas também podemos morrer de uma morte ontológica quando perdemos nosso controle sobre as coisas, quando perdemos nossa autocompreensão e somos incapazes de ser porque estamos isolados de um envolvimento intencional e significativo no mundo.

A colocação de Aho (2020) ressalta o valor relacional e carregado de significado associado ao conceito de casa. Para muitas pessoas, a casa que agora é o centro da vida, não é o lugar de antes. Por estar

isolado do mundo, o lar não é um conceito poroso que se espalha para o mundo, em vez disso, é um ponto final que fragmenta o significado referencial e engendra uma sensação do mundo como restrito e comprimido. Além disso, a própria fenomenologia da casa tem mudado. Agora, a casa é entendida como um local de contaminação potencial que deve ser desinfetada e esterilizada antes que possa se abrir para ser habitada. O resultado é uma articulação da casa como aquilo que é simultaneamente caseiro e despojado, pessoal e impessoal, familiar e desconhecido na mesma medida (AHO, 2020; TRIGG, 2016).

Notavelmente, esse ônus de ficar em casa tem uma série de consequências críticas para nosso relacionamento com o exterior. Em circunstâncias típicas, a fronteira entre o interior e o exterior é porosa e dinâmica. Saímos de casa com a confiança implícita de que o mundo exterior não é uma afronta à nossa existência, nem um contraste nítido com ela. Nesse sentido, distância e movimento não são entendidos como grades abstratas de referências mapeadas de antemão. São texturas e contornos de uma espacialidade viva, apreendidos em sentido afetivo, como escreve Merleau-Ponty (2012, p. 288):

sabemos um movimento e algo em movimento sem qualquer consciência das posições objetivas, assim como conhecemos um objeto distante e seu verdadeiro tamanho sem qualquer interpretação. O movimento é uma modulação de um meio já familiar.

O argumento de Merleau-Ponty (2012) de que o movimento se baseia em um mundo já familiar ganha expressão vívida durante as fases iniciais do *lockdown*. Aqui, o mundo já familiar é apresentado através de uma lente desconhecida, em que o movimento se torna hesitante em todos os momentos por um gesto de constrição.

Mover-se de um ponto a outro – da casa ao supermercado – se torna menos uma atividade descuidada, realizada como parte do tecido da vida cotidiana, e mais uma série de movimentos, que exigem que reestruemos nossa relação com o mundo. Com efeito, a espacialidade como um fluxo constante de propriedades emergentes se tornou um agrupamento dissecado de zonas habitáveis e inabitáveis. O resultado é um duplo vínculo, em que tanto o espaço público quanto o privado são igualmente infectados pela atmosfera da Covid-19, como um indivíduo disse em uma entrevista à revista *Time*: “Estou preocupado em ir à público, mas agora eu também estou preocupado com quanto tempo posso [durar] sem sair” (DUCHARME, 2020, n.p.).

UM TOQUE DE ANGÚSTIA

Ao lado dessa relação antinatural e perturbada com o exterior, a própria materialidade do mundo assume uma tonalidade estranha. O mundo, como é comumente compreendido e experimentado, é repentinamente suspenso. É verdade que, superficialmente, parece que nada de significativo mudou, os prédios permanecem intactos, as pessoas podem ser vistas despreocupadamente e algumas lojas estão até abertas para negócios. O mundo não desabou e o fim, não está aqui ainda. No entanto, em meio a essa aparente normalidade uma pandemia mortal se instalou, o que cria uma série de mudanças sutis em nossa experiência cotidiana. Embora ainda disponível para nós, o mundo exterior é experimentado por meio de lentes hipersensibilizadas, nas quais tanto a taticidade quanto a visão desempenham um papel dominante. Considere aqui como as superfícies que antes eram invisíveis e inócuas agora se tornaram carregadas com a sensação de serem locais de doenças. Objetos do

cotidiano – telefones, maçanetas, elevador, botões, etc. – também são alterados de símbolos familiares da vida cotidiana que residem em segundo plano para coisas carregadas com uma aura de perigo.

Em termos inequívocos, a Covid-19 lançou um grande desafio à ideia de que a experiência humana é estritamente ocular. No lugar dessa noção, é o toque que se tornou nosso modo primário de ser-no-mundo. A injunção de evitar tocar o rosto e as superfícies de forma mais geral, restabelece – embora de forma negativa – a interação porosa entre nós e o mundo. Não somos sujeitos discretos olhando para um outro mundo branco e sábio, antes, para colocá-lo novamente em termos merleau-pontyanos, assim como tocamos o mundo com nossos órgãos sensoriais, o mundo nos toca de volta (MERLEAU-PONTY, 1968). Só agora o mundo que está revertendo nosso toque é um mundo marcado por doenças e danos. Como tal, nosso relacionamento com o mundo deve ser mantido à distância. Em vez de saudar as pessoas com nossos corpos inteiros, tivemos que inventar novas maneiras de interagir com as pessoas sem espalhar a doença. E, em vez de tocar livremente o mundo ao nosso redor, devemos ter cuidado com as superfícies com as quais precisamos nos envolver para realizar as funções básicas. Como fundamentalmente alterado, o mundo e seu arranjo de coisas materiais se projetam em nossa experiência perceptiva, tornando-se assim tematizados em sua estranheza.

Fiel à natureza de uma atmosfera, essa permeação de angústia não está localizada no *lockdown* em si, mas, em vez disso, flui para a vida após o *lockdown* como uma expressão temporal de angústia. “Algumas pessoas”, afirma Lily Brown (apud DUCHARME, 2020, n.p.), diretora do Centro para o Tratamento e Estudo da Angústia da Escola de Medicina Perelman da Universidade da Pensilvânia, “estão angustiadas porque têm um ‘medo oculto’ de pegar ou

espalhar a Covid-19... enquanto outros perderam a prática de socializar e estão tendo dificuldade para retomar”. Assim, vemos que a qualidade nebulosa de uma atmosfera, da qual Böhme (1993) fala, é ao mesmo tempo espacial e temporal. As atmosferas não alcançam um ponto final perfeito em conjunto com uma sequência de datas do calendário, em vez disso, elas se derramam no presente como rastros de vapor do passado.

Considere como as atmosferas muitas vezes podem permanecer sob nossa pele muito tempo depois de deixarmos o lugar ou situação de onde derivou essa atmosfera. Isso é evidente tanto em uma escala subjetiva e pessoal, quanto em um nível cultural e político, como quando falamos sobre a atmosfera de uma década se infiltrando no início da década seguinte. Da mesma forma, a angústia associada à Covid-19 marca um “medo oculto” que continua a afetar nosso comportamento, pensamentos e ações de várias maneiras. Como Lily Brown comentou acima, esse medo é capturado como uma lacuna epistêmica em nosso conhecimento do mundo e como um conjunto de práticas corporais que foram sintonizadas a um clima de tensão e que agora requerem um novo treinamento a fim de se ajustarem à vida após o *lockdown*.

O resultado cumulativo dessas novas dinâmicas é que o mundo da habitação foi desarticulado, de tal forma que, para muitos de nós, a sensação de estar “em-casa” agora é experimentada em termos de estar estranho-em-casa, para manter a linguagem heideggeriana (HEIDEGGER, 2008). Sentir-se estranho-no-mundo significa ser confrontado com um mundo no qual o significado subjacente às ações, intenções e pensamentos se fragmentou. Nessa cena fragmentada, as coisas não assumem mais o valor de antes, o próprio cotidiano como um nexos de significados relacionais perde valor referencial e, como resultado, uma sensação de angústia permeia grande parte da

vida. O papel que o corpo desempenha em dar forma expressiva para uma atmosfera é central para essa permeação da angústia. Já mencionamos isso com a menção do toque, mas é preciso dizer mais sobre a questão do corpo como mediador e objeto de angústia.

O CORPO SEMELHANTE A COISA

Na vida “normal”, geralmente consideramos nossos corpos de uma forma predeterminada e tida como certa. Como as casas em que moramos, temos uma confiança em nosso corpo que proporciona uma sensação de continuidade no espaço e no tempo. Movendo no e através do mundo, fazemos isso com uma sensação tácita de que nossos corpos geram um sentimento de consciência direcional, afetiva e intersubjetiva. Conhecendo outras pessoas, temos um senso implícito de como nos conduzir na proximidade de outros corpos. Distância e proximidade não são espaços medidos em abstração, mas sim graus de consciência intencional que apreendemos de uma perspectiva experiencial. A Fenomenologia fornece muita atenção a essa modalidade de vida corporificada; é um corpo que está engajado no mundo de uma forma fundamentalmente afirmativa; é um corpo que se relaciona com o mundo na **forma de Eu posso, em vez de não posso**; é um corpo que se entrelaça com outros corpos de forma fluida e dinâmica e é, antes de tudo, um corpo que é “seu” (MERLEAU-PONTY, 2012).

No campo da pesquisa sobre atmosferas, tal corpo assumiu um papel crítico. Considere aqui como as atmosferas não se estendem apenas ao mundo, mas também são apreendidas no corpo e por meio dele. Na linguagem de Schmitz, o corpo sentido é estendido ao mundo na medida em que é constantemente afetado pelo mundo (SCHMITZ, 2011). O corpo não é uma entidade atômica, mas

uma abertura que é co-constituída pelos espaços que habitamos e vivemos. Consequentemente, assim como os espaços se expandem e se contraem com diferentes estruturas afetivas, também o fazem nossos corpos. Isso é especialmente claro no caso da angústia relacionada ao coronavírus. A atmosfera de angústia que cerca a Covid-19 não é uma força afetiva amorfa sem direção. Pelo contrário, ela assume uma expressão específica e amplificada em certas situações e ambientes. Como vimos anteriormente, é no e através do espaço urbano que a estrutura atmosférica da Covid-19 ganha sua expressão mais clara. Assim, mais perto da cena de angústia, tendemos a sentir nossos corpos e nosso ar se contraindo. Já em um local de repouso, sentimos nossos corpos se ajustando ao ambiente e, por sua vez, exalando gradualmente.

No entanto, a experiência corporificada da Covid-19 não se refere simplesmente a um corpo que foi infectado por uma doença, mais complexa do que isso, a doença transforma a experiência vivida do próprio corpo em um agente de angústia, seja uma pessoa infectada ou não. A expressão da angústia através do corpo possui, pelo menos, dois aspectos: primeiramente, em relação ao nosso próprio corpo; e, em segundo lugar, no que concerne à nossa interação com outros corpos.

Para explicitar a primeira configuração, um dos aspectos marcantes da pandemia da Covid-19 é a modificação do corpo de um centro de intimidade e familiaridade para um local de suspeita e alteridade. É um corpo que corre o risco não só de adoecer, mas também de ser fonte de alienação. Uma das formas pelas quais isso se manifesta é quando o corpo se torna objetivado como um potencial portador da doença. Muitas das narrativas da mídia sobre Covid-19 enfocam a elevação da angústia na população, com um foco específico em uma atenção intensificada às mudanças na

experiência sentida do corpo. Enquanto o corpo é normalmente uma presença tácita na vida cotidiana, na era da Covid-19, os sinais e sintomas que emanam do corpo adquirem uma aura de significado geralmente reservada para períodos de doença e lesão. Um relatório do Washington Post, em primeira pessoa, captura essa amplificação de significado vividamente:

Um termômetro fica no parapeito da janela do meu banheiro, bem ao lado do vaso sanitário, então, toda vez que vou ao banheiro, posso medir minha temperatura. Há semanas tenho me sentido como se tivesse febre baixa e, atualmente, febre não é só febre. É um sinal de que você pode ter o coronavírus. E então eu tiro minha temperatura cerca de oito vezes por dia para ver se minha febre subiu (CHESLER, 2020, n.p.).

O que é notável sobre essa passagem, assim como muitas outras passagens na mídia que ecoam esse sentimento, é que em vez de ser um nexos de significados vividos, o corpo vivido agora é reduzido a um *Körper*, um corpo semelhante a uma coisa que se tornou primeiro plano em seu corpo biológico e materialidade anônima (TRIGG, 2019). Como é entendida em termos clássicos, a natureza semelhante à coisa do corpo é a dimensão da vida corporal que se materializa quando o corpo como uma coisa física é colocado em primeiro plano através da dor, doença, fadiga, psicopatologias, envelhecimento e assim por diante. Assim, em momentos de doença, o corpo deixa de ser uma estrutura implícita e, em vez disso, é apresentado a nós um ponto focal de percepção, que pode perturbar nosso senso de identidade. Da mesma forma, ao ver nossos corpos envelhecendo, tendemos a experimentar uma lacuna entre quem pensamos que somos e nossos corpos que, por assim dizer, desapareceram por conta própria. Em cada caso, o corpo é processado como algo que

observamos e monitoramos para novas alterações e que temos pouco ou nenhum poder sobre.

A mesma estrutura não é menos verdadeira no caso da Covid-19. O corpo com Covid-19 não é apenas um “corpo doente no sentido de estar infectado por uma doença, é também” (AHO, 2020, p. 5) doente na medida em que se torna um local de suspeita, gerando uma relação hipocondríaca, senão paranóica, com a materialidade do corpo, como Aho (2020, p. 5) escreve em seu ensaio incisivo sobre a estranheza do coronavírus:

Minhas mãos tornaram-se assustadoramente conspícuas, como objetos estranhos aos quais estou apenas continuamente conectado. Preocupado com a contração o vírus, já não alcanço sem esforço a maçaneta da porta ou o telefone celular, nem estendo a mão em uma saudação calorosa quando um amigo chega.

Aqui, Aho (2020) chama nossa atenção para a maneira pela qual o corpo se tornou amplamente mediado por uma atmosfera de angústia. Não é que a mão como um órgão discreto tenha se tornado um objeto de angústia em si mesma, ao contrário, a mão dá expressão a uma angústia que já foi instituída pelo início da Covid-19. Em correspondência, sensações que antes tinham um significado contextual na relação com o cotidiano – dores de cabeça, cansaço, etc. – todas agora apontam para um horizonte singular, a Covid-19. No cerne dessa lógica paranóica está a incerteza do que está em jogo em cada um dos processos, respostas e sintomas do corpo. O corpo que se nos apresenta na face da Covid-19 é, portanto, um corpo grande e desconhecido e incognoscível: é um corpo ambíguo não só em termos de ser uma coisa e um centro de percepção, mas também em termos de ser meu e não meu simultaneamente.

OUTROS CORPOS

Não são apenas nossos próprios corpos que passam por uma mudança em sua estrutura perceptual e afetiva, mas também nossa relação com outros corpos. Em circunstâncias normais, nossa comunicação com os outros é orquestrada em um nível pré-reflexivo pelo parentesco de um corpo com outro. Os corpos se agarram pelo fato de haver uma ligação primordial entre si e o outro (MERLEAU-PONTY, 2012). Sem ter que pensar sobre isso em abstração, em um nível experiencial, apreendemos humores, modos de conduta e estados afetivos e emocionais em um sentido intuitivo. Como órgão sensor, meu corpo me coloca em contato com outros corpos não como recipientes de dados estáticos, mas como uma rede de significados dinâmicos e expressivos em constante desdobramento. O que isso significa é que, não obstante a especificidade das diferenças culturais e afetivas, para a maior parte a vida social é regulada por uma fluidez pré-reflexiva que opera em um nível latente e não reflexivo. Tal dinâmica é baseada na ideia do corpo como um sistema expressivo.

Um dos aspectos salientes da Covid-19 é que ele lança um desafio à ideia fenomenológica de intercorporalidade (DOLEZAL, 2021). Isso é evidente em pelo menos dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, como seres expressivos e corpóreos, já estamos sempre em contato com outros corpos. Isso é especialmente verdadeiro na perspectiva merleau-pontyana. A seu ver, o próprio corpo não é uma massa autônoma de materialidade examinando de forma solíptica o mundo, antes, é parte de um sistema que está entrelaçado na estrutura de outros corpos, independentemente de nossas próprias idiosincrasias e preferências. Já ter corpo significa estar em contato com outros corpos, cada um dos quais pertence a mesma ordem

ontológica da vida e que, portanto, formam um “tecido único” do ser (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 27). Isso é verdadeiro tanto no nível estrutural quanto no nível sensorial. Da mesma forma que o toque implica um movimento reversível entre nós e o mundo, essa dinâmica se estende a outros aspectos da vida intercorpórea, especialmente à **respiração**.

Como seres corporais, respirar não é uma prática privada isolada de um mundo neutro, é uma troca porosa – na verdade, emblematicamente **atmosférica** – que restabelece que estamos tanto no mundo quanto o mundo está em nós. Respirar traz à luz de uma forma bastante literal nossa herança com os outros e nossa ligação indissolúvel em um espaço compartilhado. É verdade que a maneira como este espaço é compartilhado – e compartilhável – é mediada por uma série de normas socioculturais, que amplificam ou minimizam um sentido de espaço como o **nosso** ao invés de ser de **um de nós**. No entanto, desde o início, respirar nos conecta ao mundo comum, no qual nossa inspiração e expiração são biológicas e afetivas, como diz Merleau-Ponty (1964, p. 122), “o corpo já é um corpo respiratório. Não só a boca, mas todo o aparelho respiratório dá à criança uma espécie de experiência do espaço”. Só mais tarde, quando adquirimos a sensação de que a respiração é pertencente ao próprio corpo, é que uma linha de fronteira mais rígida é cultivada entre o interior e o exterior.

Por esse motivo, a respiração também está entrelaçada com a angústia, na medida em que indica um local de vulnerabilidade em nosso estar-no-mundo, como atesta um índice de relatório:

Estar perto de outras pessoas, especialmente de estranhos e de multidões, tornou-se uma proposição carregada de angústia. Por mais que desejemos estar com as pessoas de novo, não podemos deixar de pensar nos riscos. É a tosse de um estranho que vai me infectar? (PELEG, 2020, n.p.).

Portanto, assim como a respiração dissolve a separação do eu e do outro, também introduz um aspecto de angústia, cuja manifestação nada mais é do que a própria respiração. De fato, é notável que dentro da história da angústia, contada de uma perspectiva fenomenológica, é a respiração que surge repetidamente como a expressão principal. Aqui, podemos pensar no relato de Heidegger sobre a angústia como sendo “tão próximo que é opressor e sufoca a respiração” ou o relato de Sartre sobre a náusea como uma “visão” que o deixa “sem fôlego” (HEIDEGGER, 2008; SARTRE, 1964). Em cada caso, a respiração toma forma em meio a uma atmosfera afetiva, espelhando o surro que circunda o espaço em termos de ser contraído e tenso. À medida que o mundo ao redor se torna opressor, nossa própria respiração é sentida como uma força de opressão, um ponto que é especialmente pertinente para a Covid-19, na medida em que um dos principais sintomas da doença é a falta de ar.

Um dos aspectos salientes que afetam nossa respiração durante a Covid-19 é a introdução de máscaras faciais. A onipresença da máscara facial é ao mesmo tempo um marcador de uma nova modalidade de respiração – agora mais interna e auto-reflexiva – mas também um marcador de nossas relações com os outros. O que isso revela é que a face não está envolvida com a pele como uma membrana protetora, nem o rosto é simplesmente um conjunto de partes, pelo contrário, é uma rede dinâmica, que transmite significado. Da mesma forma, a boca não é apenas um setor que o corpo utiliza para consumir e respirar, é também um espaço no e pelo qual a vida intersubjetiva expressa-se afetivamente, como observa Merleau-Ponty: “Percebo a dor ou a raiva do outro em seu comportamento, em seu rosto e em suas mãos, sem qualquer empréstimo de uma ‘experiência interior de sofrimento’” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 372).

Em sua totalidade, os olhos não realizam o trabalho da boca, como se fossem intercambiáveis e modulares. Em vez disso, o rosto se desdobra como uma *gestalt* e quando essa totalidade é obscurecida, o pano de fundo pré-reflexivo sobre o qual a comunicação humana ocorre – e que é amplamente apreendido em termos de uma atmosfera de confiança e abertura – é quebrado (AHO, 2020). Algo mais intervém neste momento, o que muitas vezes é entendido como um modo de suspeita.

Na verdade, é a atmosfera de suspeita que é outra característica fundamental de nossas relações atuais com os outros. Privado de um modo primário de expressão, o outro foi privado de sua singularidade e se tornou uma massa anônima de carne biológica – e potencialmente infectada (DOLEZAL, 2021). Contra isso, a presença do outro é agora medida em termos estritamente quantitativos, sustentada em todos os momentos por uma angústia de estar muito perto de estranhos, para que não sejam portadores da doença – ou especialmente – desconhecidos para si mesmos. Na verdade, a estrutura da existência intercorpórea, como foi instituída em nossa era atual, se centra em uma série de novas práticas, cada uma das quais exige que reabituemos nossos corpos – muitas vezes de uma forma contraintuitiva – para nos conformarmos a uma linguagem de distância e doença. O resultado é uma sensação decisiva de alienação dos outros e de nós mesmos.

CONCLUSÃO

Deixe-me terminar resumindo porque o conceito de atmosfera, como tem sido amplamente empregado na tradição fenomenológica, é singularmente benéfico para explicar a estrutura afetiva da Covid-19 em comparação com a terminologia de fala, sentimento, emoção ou humor. A conexão estreita entre o conceito de atmosfera e

noções adjacentes, especialmente, o termo “sentimento existencial” como foi empregado por Matthew Ratcliffe (2008), indicou que gerar clareza analítica, muitas vezes, é difícil em pesquisas sobre atmosferas. No entanto, enquanto ambas as emoções e os sentimentos tendem a indexar estruturas afetivas constituídas por indivíduos – por sentimentos que são amplamente pré-reflexivos e tácitos, enquanto as emoções são abstratas e as atmosferas sócio-linguísticas são espacialmente distribuídas, não delimitadas por indivíduos, e são potencialmente percebidas em um nível intersubjetivo e, portanto, compartilhado (TRIGG, 2020). Nesse sentido, o conceito de atmosfera gera uma fenomenologia mais complexa do que apenas a emoção. A atmosfera é a estrutura sobre a qual as emoções e os sentimentos são instituídos, ao mesmo tempo que é um tipo específico de fenômeno afetivo para o qual a própria intencionalidade se dirige.

Esse aspecto da dupla face da atmosfera ficou evidente em vários momentos nesta discussão. Em primeiro lugar, tive como objetivo demonstrar como a angústia co-constituída com o coronavírus se difunde por um determinado ambiente de forma multidirecional e não linear. O que isto significa é que ao invés de ser direcionado para um fenômeno discreto, como uma força atmosférica, a Covid-19 se distribui pelo mundo tanto em um nível latente ou operativo, mas também como um horizonte temático e reflexivo. Por mais que falemos e reflitamos sobre a Covid-19 como um tipo particular de doença a ser tratada e gerenciada, ela também já forma um contexto significativo do qual pensamentos e ações emergem. Essa é a estrutura específica de uma atmosfera, é dada expressão em e por meio de coisas singulares, sem ser redutível a essas coisas e, em vez disso, gera um estilo nebuloso que permeia todos os lugares.

No entanto, como também tentei mostrar, a atmosfera tem modalidades de expressão privilegiadas e, no caso da Covid-19, incluem o lar e o corpo. No que diz respeito à casa, há uma

transformação da casa física como santuário em um local de restrição, enquanto o mundo ao redor agora parece tematicamente presente como um terreno estranho, marcado por riscos e perigos. O mesmo não é menos verdadeiro para o corpo humano. O corpo da Covid-19 não é simplesmente um corpo “doente” devastado por doenças, é também um corpo angustiado, um corpo suspeito, um corpo distante e um corpo oculto. Em uma palavra, o corpo se tornou um local de ruptura na medida em que indica uma desordem em nossa compreensão normativa do mundo. Assim como a casa, o corpo está ao mesmo tempo em primeiro plano e simultaneamente desarticulado, tanto familiar quanto desconhecido, ambos na mesma medida.

Em suma, o conceito de atmosfera pode desempenhar um papel crítico como parte de um “kit de ferramentas fenomenológico” na explicação de como estados afetivos complexos são distribuídos em e através de um determinado ambiente e por meio de múltiplas subjetividades. Como uma confluência de subjetividade, materialidade e afeto, uma atmosfera resiste a ser categoricamente definida de forma analítica. Aliás, o conceito de atmosfera também resiste a ser delimitado e reduzido apenas à emoção humana. Uma atmosfera de angústia, como foi tratada neste estudo, está tão embutida nas configurações espaciais – em lugares e edifícios quanto nas multidões e indivíduos que habitam esses edifícios. Nesse sentido, ao focar na externalização e materialização da emoção, a atmosfera oferece um contraponto potencialmente vital às teorias da emoção que privilegiam a existência interior e individual. ☺

REFERÊNCIAS

AHO, Kevin. The uncanny in the time of pandemics: Heideggerian reflections on the coronavirus. **The Heidegger Circle Annual**, v. 10, p. 1-19, 2020.

BERGO, Bettina. **Anxiety: A Philosophical History**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

BÖHME, Gernot. Atmosphere as the fundamental concept of a new aesthetics. **Thesis Eleven**, v. 36, p. 113-126, 1993.

BÖHME, Gernot. **Atmospheric Architectures: The Aesthetics of Felt Space**. London: Bloomsbury, 2017.

CHESLER, Caren. Oh, no! Do I have a fever? When coronavirus fears rev up my hypo chondria, my 9-year-old keeps me grounded. **The Washington Post**, 16 de maio de 2020. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/health/oh-no-do-i-have-a-fever-when-coronavirus-fears-rev-up-my-hypochondria-my-9-year-old-keeps-me-grounded/2020/05/15/47285304-8a1d-11ea-ac8a-fegb8088e101_story.html. Acesso em: 16 mai. 2020.

DOLEZAL, Luna. Intercorporeality and social distancing. **The Philosopher**, 18 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.thephilosopher1923.org/essay-dolezal>. Acesso em: 30 mar. 2023.

DUCHARME, Jamie. How to soothe your re-entry anxiety as COVID 19 lockdowns lift. **Time Magazine**, 11 de junho de 2020. Disponível em: <https://time.com/5850143/Covid-19-re-entry-anxiety/>. Acesso em: 11 jun. 2020.

ELLIOTT, Larry. Half of British adults 'felt anxious about Covid-19 lockdown. **The Guardian**, 4 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2020/may/04/half-of-british-adults-felt-anxious-about-covid-19-lockdown>. Acesso em: 4 mai. 2020.

GRIFFERO, Tonino. **Atmospheres: Aesthetics of Emotional Spaces**. Trad. Sarah De Sanctis. New York: Routledge, 2014.

GRIFFERO, Tonino. **Quasi-Things: the Paradigm of Atmospheres**. Trad. Sarah De Sanctis. New York: State University of New York Press, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Basic Writings**. Trad. Albert Hofstadter. New York: Harper & Row, 1977.

HEIDEGGER, Martin. **Being and Time**. Trad. John Macquarrie e Edward Robinson. New York: Harper Collins, 2008.

HUSSERL, Edmund. **Analyses Concerning Passive and Active Synthesis: Lectures on Transcendental Logic**. Trad. Anthony J. Steinbock. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2001.

KLUGER, Jeffer. The Coronavirus Pandemic May Be Causing an Anxiety Pandemic. **Time Magazine**, 26 de março de 2020. Disponível em: <https://time.com/5808278/coronavirus-anxiety/>. Acesso em: 26 mar. 2020.

KURTH, Charlie. The anxiety you're feeling over Covid-19 can be a good thing. **The Washington Post**, 16 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2020/04/16/anxiety-youre-feeling-over-covid-19-can-be-good-thing/>. Acesso em: 16 abr. 2020.

MCKIE, Robin. I'm broken: how anxiety and stress hit millions in UK Covid 19 lockdown. **The Guardian**, 21 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global/2020/jun/21/im-broken-how-anxiety-and-stress-hit-millions-in-uk-covid-19-lockdown>. Acesso em: 21 jun. 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phenomenology of Perception**. Trad. Donald Landes. London: Routledge, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **The Primacy of Perception**. Trad. William Cobb Evanston. Northwestern University Press, 1964.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **The Visible and the Invisible**. Trad. Alphonso Lingis Evanston: Northwestern University Press, 1968.

OVERY, Richard. Why the cruel myth of the blitz spirit is no model for how to fight coronavirus. **The Guardian**, 19 de março de 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/mar/19/myth-blitz-spirit-model-coronavirus>. Acesso em: 19 mai. 2020.

PELEG, Oren. Feeling anxious about returning to life in public? You're not alone. **Los Angeles Magazine**, 4 de maio de 2020. Disponível em:

Atmosferas de angústia: o caso da COVID-19

Dylan Trigg

<https://www.lamag.com/citythinkblog/stay-at-home-lifted-anxiety-germaphobia/>. Acesso em: 4 mai. 2020.

RATCLIFFE, Matthew. **Feelings of Being**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

RATCLIFFE, Matthew; KIDD, Ian James. Welcome to Covidworld. **The Critic**, novembro de 2020. Disponível em: <https://thecritic.co.uk/issues/november-2020/welcome-to-covidworld!>. Acesso em: 07 abr. 2023.

RIBEIRO, Celina. Return anxiety Coronavirus has caused a mass emotional event in our lives. **The Guardian**, 11 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/may/11/return-anxiety-coronavirus-has-caused-a-mass-emotional-event-in-our-lives>. Acesso em: 11 mai. 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **Nimaseu**. Trad. Lloyd Alexander. New York: New Directions, 1964.

SCHMITZ, Hermann. Emotions outside of the box the new phenomenology of feeling and corporality. **Phenomenology and Cognitive Science**, v.10, p. 241-259, 2011.

SUMARTOJO, Shanti; PINK, Sarah. **Atmospheres and the Experiential World Theory and Methods**. London: Routledge, 2019.

TRIGG, Dylan. **The Memory of Place: A Phenomenology of the Uncanny**. Athens: Ohio University Press, 2012.

TRIGG, Dylan. **Topophobia A Phenomenology of Anxiety**. London: Bloomsbury, 2016.

TRIGG, Dylan. At The Limit of One's Own Body. **Metodo. International Studies in Phenomenology and Philosophy**, v. 7, n. 1, 2019.

TRIGG, Dylan. The role of shared emotion in atmosphere. **Emotion, Space and Society**, n. 35, p. 1-7, mai. 2020.

WILSON, Bee. Off our trolleys: what stockpiling in the coronavirus crisis reveals about us. **The Guardian**, 3 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2020/apr/03/off-our-trolleys-what-stockpiling-in-the-coronavirus-crisis-reveals-about-us>. Acesso em: 3 abr. 2020.

YUEN, Kum Fai; WANG, Xuegin; MA, Fei; Li, Kevin X. The psychological causes of panic buying following a health crisis. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 10, p. 1-14, 2020.

Submetido em junho de 2022.

Aceito em junho de 2022.